

# A presença de mulheres negras trabalhadoras escolarizadas em periódicos mato-grossenses nos oitocentos

The presence of african brazilian woman workers enrolled in periodicals in the state of Mato Grosso in the eighteenth century

Paulo Sérgio DUTRA<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo tem como objetivo trazer ao lume a presença de mulheres negras trabalhadoras escolarizadas em periódicos mato-grossenses no mundo do trabalho na cidade de Cuiabá-MT, final do século XIX. Sobre a realização do referido trabalho utilizou-se como metodologia o cruzamento de dados entre as informações contidas nos periódicos e o Recenseamento de 1890, e a pesquisa bibliográfica. Considera-se que as mulheres negras estiveram presentes no mundo do trabalho livre e em diversos espaços no universo letrado na capital da Província.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Século XIX. Trabalho. Instrução Pública.

## Abstract

The article aims to bring to the fore the presence of african brazilian<sup>2</sup> women workers enrolled in periodicals from the state of Mato Grosso, in the city of Cuiabá-MT, at the end of the 19th century. On the accomplishment of this work, the cross-referencing between the information contained in the periodicals and the Census of 1890, as well as the bibliographic research, was used as methodology. It is considered that African Brazilian women were present in the world of free work and diverse spaces in the literate universe in the capital of the Province.

**Keywords:** African Brazilian Women. 19th Century. Job. Public Instruction.

- 
- 1 Doutor em Educação, professor do Departamento de Ciências Humanas Sociais da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná. Rua Rio Amazonas, 351, Jardim dos Migrantes, Ji-Paraná-RO, CEP: 76900-7900. Tel.: (69) 3416 – 7900. Email: <paulodutra@unir.b>.
  - 2 Ver Fischer (2018), que tece considerações sobre as diferenças para o uso do termo African people and Black people nos Estados Unidos da América à luz dos argumentos explícitos em *Policing the Black Men* de Davis (2017). Nesse sentido, assinala-se que os argumentos expostos por Fischer assemelham-se ao uso do termo negro por diversos pesquisadores no Brasil, como explicam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004)

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 27	n. 65/2	p. 675-692	maio/ago. 2018
----------------	--------	-------	---------	------------	----------------

O final do século XIX foi marcado por diversos acontecimentos que contribuíram para pôr fim ao sistema escravista para a população negra no Brasil; por outro lado, os censos revelavam um contingente de pretos e pardos nascidos livres<sup>3</sup>. A esse respeito, Siqueira (2000), ao fazer referência aos espaços constitutivos da burocracia administrativa na Província, apresentou alguns nomes que, de acordo com o cruzamento de dados realizados, foram caracterizados como pertencentes às *raças parda e preta* e integravam a *Assemblea Provincial*, a *Directoria Geral de Instrução Pública* e outros espaços. Nessa mesma direção, diversos periódicos mato-grossenses ressaltaram que na Província de Mato Grosso<sup>4</sup>, em colunas como à *Pedidos*, *Gazetilha*, *Parte Oficial*, *Correspondência* e outros, um considerável número de nomes de sujeitos, em conformidade com o cruzamento de dados, também foi caracterizado como *a raça parda e preta*.

Essa realização do cruzamento de dados possibilitou descobrir uma grande parcela da população constituída de pretos e pardos, integrando a *burocracia provincial e municipal* no decorrer do século XIX, em Cuiabá. Nesse sentido, é importante destacar que entre eles estiveram também as mulheres negras nascidas livres que se imiscuíam no mundo do trabalho. A esse respeito, assinala-se que é sobre essas mulheres que o presente texto se debruça.

Sobre a categoria *negra/negras*, destaca-se que neste texto, representa uma reunião das categorias *parda e preta*, conforme as informações constantes no Recenseamento de 1890 (PERARO, 2005). Nesse sentido, afirma-se que não possuem conotação biológica, como assinalou Dutra (2017). Ainda ressaltamos que o uso da categoria *negra* está em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), que esclarece:

[...] ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define. Em segundo lugar, cabe lembrar que preto é um dos quesitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – branco, pardo, indígena -

---

3 O Recenseamento de 1890 (PERARO, 2005), realizado nas duas freguesias que compunham a cidade de Cuiabá, evidencia que possuía uma população eminentemente negra. Dutra (2017) aplicou o conceito denominado supremacia demográfica negra, conceito cunhado por Fonseca (2007) para demonstrar como quantitativamente a população não branca estava em consonância no computo dos habitantes que formavam o contingente populacional da Província, do município de Cuiabá e da parte urbana da cidade.

4 Ver Dutra (2017). Atentar, principalmente, ao anexo, em que o autor traz 59 quadros que versam sobre: escolarização, profissões (como integrantes do exército, médicos, empregados públicos, professores, porteiros e outros), política (candidatos a vereador e deputado provincial) e poder judiciário.

a cor da população brasileira. Pesquisadores de diferentes áreas, inclusive da educação, para fins de seus estudos, agregam dados relativos a pretos e pardos sob a categoria negros, já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua ascendência africana. (BRASIL, 2004, p. 14).

Dito isso, situamos o leitor sobre alguns aspectos geográficos a respeito do espaço em que transitamos. Para encontrar as mulheres negras, assinala-se que a cidade de Cuiabá, capital da Província de Mato Grosso em meados do século XIX, era constituída, conforme Volpato (1993), por duas freguesias urbanas, denominadas São Gonçalo de Pedro II – o Porto – e a Sé – a parte central. Para a autora, as freguesias ficavam a uma distância de meia légua uma da outra, cortadas pelo córrego da Prainha. Volpato (1993) ressalta ainda que faziam parte da cidade os seus arredores: a Mandioca, o Baú, o Lavapés e o Mundéu, locais que integravam o núcleo central; o Barbado, o Coxipó, São Gonçalo Velho, que eram distritos mais distantes. Desse modo, sobre o cenário urbano da cidade de Cuiabá, destaca-se que diversos periódicos anunciavam os logradouros por onde o cotidiano desenrolava-se. Eram em ruas como a 27 de Dezembro (antiga Rua do Meio), Rua 11 de Julho, e Rua Couto Magalhães (antiga Rua Nova) que as experiências de vivências se davam. Nesse sentido, os imóveis e/ou as casas para aluguel estavam localizados em diversas localidades da cidade, bem como nas ruas Coronel Peixoto (antiga Rua da Boa Vista) e na Comandante Costa.

A respeito desse cenário, Dutra (2017), ao analisar informações contidas em periódicos como *A Província de Matto-Grosso* e *A Situação*, destacou que as ruas 1º de Março e 13 de Junho pareciam ser preferidas para a localização das lojas de comércio. Por essas ruas poderiam ser encontrados produtos como: *aguardente a miúdo*, cigarros e fumos, guaraná, *carne verde gorda*<sup>5</sup>, lojas de *gênero* alimentício, vestuários, calçados, etc. Encontravam-se também escritórios de advogados e salões de *cabelleireiro e barba*.

No contexto do cenário apresentado por Dutra, verificamos que as mulheres negras desenvolviam trabalhos, como vendedoras de aguardente a miúdo, e estavam também em profissão como *agencia*, taberneiras, costureiras, proprietárias de imóveis e outras. Sobre essas profissões, o periódico *A Província de Matto Grosso*, de 03 de agosto de 1979, destacou que muitas delas possuíam casas para vender aguardente, sendo encontradas numa lista publicada na edição de nº 35, desse

---

5 A Situação (1872, p. 4).

periódico, oito proprietárias. Dessas, em conformidade com (PERARO, 2005), seis foram caracterizadas como sendo de *raça parda* e duas como sendo de *raça preta*. Nessa perspectiva, assinalamos que o tema mulheres negras no mundo do trabalho será aprofundado adiante, quando serão levadas ao lume as experiências de mulheres negras escolarizadas no cotidiano cuiabano. Sendo assim, passamos ao próximo tópico, onde trataremos da questão educacional das mulheres em Mato Grosso, enfatizando nesse rol as mulheres negras.

## Mulher e educação em Cuiabá

Neste tópico, a princípio, apresentaremos os espaços escolares onde as mulheres negras em Mato Grosso estiveram inseridas com a finalidade de ter acesso às letras. Fonseca (2007), ao pesquisar sobre a presença de pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras, assinalou que a instituição escolar era um dos elementos acionados por esse grupo com o objetivo de afirmação no espaço social. A esse respeito, destaca-se que em Mato Grosso parte do contingente daqueles e daquelas que foram caracterizados como pertencentes às *raças parda e preta* utilizaram a escola como forma a de ascender socialmente.

Sobre as questões que se referem à escola de primeiras letras em Mato Grosso, destaca-se que era predominantemente masculina. Nesse sentido, tanto os relatórios de presidentes de províncias quanto Paião (2006a) evidenciam que o número de meninas que frequentava a escola primária em Mato Grosso era inferior ao número de meninos. Por exemplo, no ano de 1864, o Presidente Alexandre Manoel Albino de Carvalho informava em seu relatório que entre as 20 escolas existentes naquele ano, apenas duas eram de meninas; assim sendo, o referido presidente assinalou, também, que entre os 21 alunos submetidos aos exames<sup>6</sup>, somente duas meninas da escola da Professora D. Umbelina Carolina Barreto Rodrigues haviam sido examinadas. No contexto da escolarização de meninas em Mato Grosso, em conformidade com os números apresentados por Paião (2006a), destaca-se que para cada menina matriculada havia seis meninos frequentando a escola no ano de 1863. Desse modo, observou-se que a situação só começou a mudar a partir da década de 1870, como evidenciam as informações contidas no quadro denominado *Escolas Publicas Femininas criadas entre 1837*

---

6 “[...] alunos prontos [...] Professor Manoel Ribeiro dos Santos Tocantins apresentou 9 [...] Professor Sebastião José da Costa Maricá apresentou 4 [...] Pelo Professor Rvd.º Joaquim dos Santos Ferreira foram apresentados 8, [...]” (RELATÓRIO DE PRESIDENTE DE PROVINCIA, 1864, p. 18).

e 1898 em Mato Grosso, em que a autora deixa claro que o número de escolas femininas naquela ocasião havia aumentado, passando de quatro escolas, entre 1837 e 1868, para 14, entre os anos de 1870 a 1878, sendo 12 delas criadas por Atos da Presidência nos meses de agosto e setembro de 1878.

Ainda sobre a presença de mulheres nas escolas mato-grossenses, Dutra (2017) tratou da sua inserção como professoras em escolas de primeiras letras na Província de Mato Grosso, à luz de Paião (2006a). Sobre a questão, o autor evidenciou que das 59 professoras listadas por essa autora, somente 16 atuaram entre 1845 e 1879; as demais exerceram a profissão a partir de 1880. A esse respeito, Dutra considerou que um fato que pode ter contribuído para o crescimento da participação feminina na dianteira das escolas de instrução pública mato-grossenses, provavelmente, foi a instalação da Escola Normal, em 1874, que ia produzindo os *lisongeiros resultados*, conforme havia anunciado o vice-presidente, Barão de Diamantino, no Relatório de 1875.

Das escolas para meninas e a participação da mulher como professora em Mato Grosso apresentamos alguns quadros que refletem os números sobre a presença de mulheres, conforme (PERARO, 2005), no cenário dos que *frequentaram a escola e/ou sabiam ler* na faixa etária de 21 a 39 anos e que residiam na parte urbana da cidade de Cuiabá. A escolha dessa faixa de idade deu-se pela hipótese de que essas mulheres tivessem nascido entre os anos de 1851 a 1869. A essa questão, a Tabela 1 responderá. Nas tabelas posteriores faz-se uma comparação entre número de mulheres negras que *haviam frequentado a escola e/ou sabiam ler* com o universo de homens negros, em conformidade com os dados contidos no recenseamento de 1890 em conformidade com Peraro (2005). Então vejamos:

**Tabela 01 - Parte Urbana da Cidade de Cuiabá/MT. Quantitativo de mulheres consideradas de raça branca, parda, e preta, com idade entre 21 e 39 anos, que sabiam ler, conforme Recenseamento de 1890.**

Nº	Raça	Freguesia da Sé		Freguesia de São Gonçalo de Pedro II	
		Escolarizadas	%	Escolarizadas	%
01	Branca	219	52	48	50
02	Parda	182	43,2	43	44,7
03	Preta	20	4,7	05	5,2
04	Total	421	99,9	96	99,9

Fonte: (PERARO, 2005).

Para a Tabela 1, a análise é de que as mulheres que foram caracterizadas como sendo de *raça* branca superaram as mulheres negras em 52% das *escolarizadas* na Freguesia da Sé. Ressalta-se que o mesmo não ocorreu na Freguesia de São Gonçalo de Pedro II, onde registrou-se um equilíbrio entre as categorias quando juntamos mulheres caracterizadas como sendo de *raça* parda e preta na categoria de mulheres negras.

Nas tabelas de números 2 a 5 a análise revela comparativos entre mulheres caracterizadas, conforme o recenseamento de 1890, como sendo de *raça* parda e/ou preta com homens escolarizados pertencentes a essas mesmas categorias. Então vejamos:

**Tabela 2 - Freguesia da Sé – Quantitativo de homens e mulheres considerados de *raça* parda, com idade entre 21 e 39 anos, que sabiam ler, conforme Recenseamento de 1890**

	Quantitativo	Percentual
Homens	171	48,5%
Mulheres	181	51,4%
Total	352	100%

Fonte: Construção do autor a partir dos dados contidos em (PERARO, 2005).

Nessa tabela, pode-se observar que as mulheres caracterizadas como de *raça* parda e que *haviãam frequentado a escola e/ou sabiam ler* superaram o número de homens pertencente a essa categoria entre os que residiam na Freguesia da Sé.

**Tabela 3 - Freguesia de São Gonçalo de Pedro II – Quantitativo de homens e mulheres considerados de *raça* parda, com idade entre 21 e 39 anos, que sabiam ler, conforme Recenseamento de 1890**

	Quantitativo	Percentual
Homens	49	53,2%
Mulheres	43	46,7%
Total	92	99,9%

Fonte: Construção do autor a partir dos dados contidos em (PERARO, 2005).

Esse detalhe já não ocorre na freguesia de São Gonçalo de Pedro II, onde os homens caracterizados com sendo de *raça* parda e que *haviam frequentado a escola e/ou sabiam ler* superaram as mulheres da referida faixa etária.

**Tabela 4 - Freguesia de Sé- Quantitativo de homens e mulheres considerados de *raça* preta, com idade entre 21 e 39 anos, que sabiam ler, conforme Recenseamento de 1890**

	Quantitativo	Percentual
Mulheres	20	34,4%
Homens	38	65,5%
Total	58	99,8%

Fonte: Construção do autor a partir dos dados contidos em (PERARO, 2005).

No que corresponde à categoria dos que foram caracterizados como sendo de *raça preta* residentes na Freguesia da Sé, os homens que *haviam frequentado a escola e/ou sabiam ler* superaram as mulheres em 65,5%. No entanto, não é o que acontece com os residentes na Freguesia de São Gonçalo de Pedro II. Observe:

**Tabela 5 - Freguesia de São Gonçalo de Pedro II – Quantitativo de homens e mulheres considerados de *raça* preta, com idade entre 21 e 39 anos, que sabiam ler, conforme Recenseamento de 1890**

	Quantitativo	Percentual
Homens	3	37,5%
Mulheres	5	62,5%
Total	8	100%

Fonte: Construção do autor a partir dos dados contidos em (PERARO, 2005).

Nesse sentido, nos caracterizados como sendo de *raça* preta e residentes na Freguesia de São Gonçalo de Pedro II, as mulheres, constituem cerca de 62,5% entre os que provavelmente *haviam frequentado a escola e/ou sabiam ler* em relação aos homens.

Sobre o cenário apresentado pelas tabelas de 2 a 5, infere-se que esses dados corroboram e ajudam a compreender as informações levantadas por Castanha

(2008) e Paião (2006a, 2006b). Conforme Castanha (2008), Augusto Leverger<sup>7</sup> procurou difundir a instrução pública pela província, mesmo que fosse imperfeita. Já sobre o trabalho de Paião (2006a), Dutra (2017) observou que o número de meninas matriculadas havia crescido a partir do ano de 1874, triplicando em 1883, quase dez anos depois. Para o cenário apontado, pode-se afirmar, ainda, que a Escola Normal teria influência no aumento desse quantitativo, uma vez que passou a funcionar a partir de 1874, contribuindo na formação de futuras professoras.

Certamente, esses números revelam que não somente a escola pública formal foi responsável pela *instrução* dessas mulheres no mundo das letras. Desse modo, em Gondra e Schueler (2008) percebemos que, no decorrer do século XIX, a educação foi pensada no plural, como também foram plurais as forças educativas que, de modo associado ou concorrente, delinearão iniciativas e constituíram formas e práticas diversas para promover os projetos de educação e nação. Os autores assinalam que uma dessas forças educativas foi representada pela ação da própria sociedade civil, e que:

[...] por meio da criação de múltiplos espaços e redes de sociabilidades, formais ou *informais*, que longe de se constituírem como lugares estanques e isolados uns dos outros, estabeleceram entre si uma série de interseções e relações, embate e confrontos. (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 60, grifo nosso).

Nesse sentido, como espaços formais à luz do que apresentaram esses autores, pode-se dizer que em Cuiabá existiram espaços como: O Clube Literário, fundado em 1882<sup>8</sup>; Associação Literária Cuiabana, que teve sua primeira sede funcionando na casa do pardo Pedro Candido Jarzem; Recreio Cuiabano<sup>9</sup>; e a Sociedade Dramática

---

7 Conforme Sena (2006), nascido na França, Augusto João Manoel Leverger chegou ao Brasil nos anos 1820, e foi admitido na armada nacional, após lutar com a bandeira brasileira nos conflitos platinos. Foi um destacado marinheiro, sendo enviado para Cuiabá, em 1830, para organizar a defesa fluvial da província. Segundo o autor, Augusto Leverger fixou residência, casou-se e tornou-se um dos cidadãos mais respeitados em Mato Grosso, sendo até hoje largamente lembrado por sua “[...] postura sensata, neutra e prestativa” (2006, p. 26). De acordo com Dutra (2017), Leverger governou a Província de Mato Grosso por quatro vezes, entre os anos de 1851 e 1870.

8 Conforme Mendonça (1973 apud Siqueira, 2000, p. 95).

9 De acordo com Siqueira (2000), o viajante Karl Von Den Steinen destacou que esse espaço cultural possuía um número expressivo de pessoas escuras, todas pertencentes ao Partido Conservador.



Particular *Amor à Arte*<sup>10</sup>, que, conforme o jornal *A Província de Matto Grosso* (ano I, n. 32, 10-08-1879, p. 4), havia sido fundada em 11 de agosto de 1877. Nesse rol, havia, ainda, o teatro, que, segundo Siqueira (2000, p. 97, grifo do autor), além da diversão, foi responsável por incutir valores que “[...] fazia representar, em alto estilo, os costumes, a vestimenta, as maneiras de falar, de comer e de vestir próprias do mundo dito ‘civilizado’, exemplo a ser imitado pela plateia.”

Quanto aos espaços informais, Dutra (2017) apresentou o universo cultural do homem livre e pobre na cidade de Cuiabá. A esse respeito, o autor recorreu a jornais de época, com o intuito de compreender as possibilidades de qual era e/ou como se apresentava o universo vivenciado e/ou ocupado por ele a partir dos meados do século XIX. Sobre esse universo cultural o autor assinalou encontrar apenas sínteses, as quais foram evidenciadas nos anúncios de fugidos que sabiam dançar ou gostavam de folgedos.

Outras possibilidades, ressaltou Dutra, eram os festejos santos realizados em Cuiabá, tais como: os Congos, tabaques, Corpus Christi, do Espírito Santo, dos Pequenos, de São Benedito, na Igreja da Boa Morte. Nesse sentido, Volpato (1993) trouxe outra dimensão sobre esse universo, ressaltando que *os pobres e livres* ocupavam os espaços urbanos, e seus arredores, principalmente, as ruas próximas ao largo da Mandioca, a região do Mundéu, onde se situava a Santa Casa de Misericórdia, e a Freguesia de São Gonçalo de Pedro II – o Porto.

Sobre os espaços de sociabilidade informal, Morel (2005 apud GONDRA; SCHUELER, 2008) expôs uma multiplicidade de espaços e lugares públicos e privados, tais como: as redes de relações familiares e sociais, com seus ritos, cerimônias, comemorações; festas, eventos e procissões religiosas e profanas; espetáculos e festejos da monarquia (comemorações familiares, como casamentos, batismos, aniversários e os ritos do poder, como as coroações dos imperadores, as nomeações, as proclamações, as execuções e condenações públicas, etc.); espaços públicos, como as ruas, praças, mercados, largos, tabernas e quiosques; manifestações populares, os gritos, os gestos, enfim, as vozes públicas e anônimas das ruas, entre outras redes de relações sociais.

Diante da apresentação desses espaços, chamados por Gondra e Schueler (2008) de espaços formais e não formais, e as suas evidências na cidade de Cuiabá/MT, apresentadas por Dutra (2017) e Volpato (1993), destaca-se a possibilidade

---

10 Conforme *A Província de Mato* (18-11-1887, ano IX, n. 462, p. 01), ainda atuante, essa associação cultural exercia suas atividades, e muitas delas com a participação de mulheres, a exemplo da atuação da *Exm. Sr<sup>a</sup> D. Maria Francisca de Sampaio*, que, segundo o periódico, havia revelado seus “[...] dotes artísticos bem pronunciados, interpretando com alma o papel de filha obediente.”

de devotarmos a eles contribuições que podem reforçar o objeto central deste tópico, que são as questões concernentes a *frequentar a escola e/ou saber ler* por mulheres negras. Nesse sentido, assinala-se que pode residir aí a hipótese de que o quantitativo de mulheres negras escolarizadas superava o de homens negros na faixa etária de 21 a 39, conforme os registros em (PERARO, 2005).

## O cotidiano de mulheres negras trabalhadoras e o desempenho de funções – o mundo do trabalho

Assinalou-se que o objetivo deste artigo é trazer ao lume a presença de mulheres negras trabalhadoras escolarizadas em periódicos mato-grossenses no mundo do trabalho na cidade de Cuiabá/MT, no final do século XIX. Nessa perspectiva, a seguir apresentaremos o cenário registrado em alguns periódicos mato-grossenses, nos quais as mulheres negras foram evidenciadas como empreendedoras/*agencia*, costureiras, vendedoras de aguardente, professoras, pensionistas, proprietárias, taberneiras e outras. A esse respeito, lembramos que Dutra (2017) destacou, durante as investigações sobre pretos e pardos letrados na cidade de Cuiabá daquela época, que foi comum encontrar mulheres atuando em diversas profissões. Conforme o autor, elas estavam no âmbito da instrução pública, das artes, como autônomas e/ou como empreendedoras. Sobre essa situação, Dutra observou que a profissão em que as mulheres negras apresentaram maior crescimento foi de costureira. Conforme os dados, elas saíram de um quantitativo de 1 (uma representante), na faixa etária de 40 a 80, para 16 profissionais, na faixa etária de 21 a 39 anos; assim, salienta-se que a profissão em que mais as mulheres negras, de uma forma geral, estavam em maior número inseridas tratava-se da profissão de *agencia*.

A esse respeito, deduz-se que o significado para a profissão de *agencia* pode ser compreendido como *autônomo/autônoma*, a julgar pelas informações obtidas sobre a parda Maria Augusta da Costa Garcia, que teve sua profissão registrada no Recenseamento de 1890 como *agencia*. Porém, Maria Augusta prestava serviço fornecendo alimentação aos presos pobres da cadeia pública da cidade de Cuiabá, bem como concorreu a editais para fornecimento de iluminação para a mesma cidade (DUTRA, 2017).

Outros exemplos, segundo Dutra (2017), corroboram com a ideia de autonomia para a profissão de *agencia*. Nesse sentido, o autor assinalou que os pardos Manoel do Nascimento Ferreira Mendes, *armador*, José da Silva Ribeiro, *Sr.* (não teve a profissão registrada no jornal) haviam prestado serviços na reforma da Catedral da cidade de Cuiabá no ano de 1887. Conforme Dutra (2017), esses

senhores também tiveram suas profissões registradas no Recenseamento de 1890 como *agencia* (PERARO, 2005).

Contribuições para o entendimento do significado da profissão de *agencia* podem ser observadas, também, em *A Província de Matto Grosso* (31-08-1879, ano I, nº 35, p. 3-4), registrando-se que 11 pessoas que vendiam aguardente *a miúdo*, na cidade de Cuiabá, deveriam pagar impostos sobre o período em que exerceram essa atividade durante o ano de 1879. Nesse sentido, destaca-se que todas as pessoas listadas tiveram suas profissões informadas no Recenseamento de 1890 como *agencia*.

Voltando à Maria Augusta da Costa Garcia, Dutra (2017) destacou que o recenseamento de 1890 caracterizou a sua profissão como *agencia*, porém os periódicos mato-grossenses deram a ela (Maria Augusta da Costa Garcia) um trânsito dentro das instituições públicas cuiabanas na prestação de serviços, proporcionando a compreensão de que poderia ser uma *autônoma*. Segundo o autor, na maior das intenções, Maria Augusta talvez pudesse vir a ser o que chamamos hoje de empreendedora. Tomando por base as vivências dela, Dutra (2017) assinalou que se pode deduzir que os 22% das mulheres *que haviam frequentado a escola e/ou sabiam ler* e que exerciam a atividade de *agencia* pudessem experienciar o cotidiano, tal qual Maria Augusta da Costa Garcia.

Até o momento, refletimos sobre o crescimento, em números estatísticos, de mulheres pardas na faixa etária de 21 a 39 anos, na profissão de costureira. Para contribuir, vale ressaltar que o periódico *A Situação* (02 out. 1881, ano 15, n. 778, p. 04) publicou na coluna *Editaes*, uma “[...] relação de pessoas abaixo declaradas [...]”, em 26 de setembro de 1881, onde o secretário do Arsenal de Guerra convidava 152 mulheres que estavam:

[...] matriculadas como costureiras das peças de fardamento e equipamento para o exercito [...] [para comparecer aquela secretaria, distribuídas em] [...] 3 turmas, a saber: Para a 1ª do número 1 a 50 no dia 4; para a 2ª n. 51 a 100 o dia 10; e para a 3ª de 101 a 152 no dia 15 tudo do mez de Outubro venturo [...] (A SITUAÇÃO, 1881, p. 04).

Nesse sentido, na lista apresentada no referido periódico, encontraram-se 26 mulheres negras. Ressalta-se que conforme informou (PERARO, 2005), 19 delas foram caracterizadas como pardas e cinco como pretas; dessas, seis não sabiam ler e nem haviam frequentado a escola. Sobre a presença dessas mulheres, que possivelmente não haviam tido algum contato com meios formais de estudos, pode-se depreender que o trânsito por alguns espaços não era vedado a pessoas que não *soubessem ler e/ou não houvessem frequentado a escola*.

O próximo exemplo sobre a *imersão* de mulheres negras escolarizadas no mundo do trabalho foi veiculado no periódico *A Província de Matto Grosso*, de 31 de agosto de 1879. A esse respeito, o periódico anunciou na coluna *Editaes* o nome de 30 pessoas que possuíam casas de negócios para pagamento do tributo referente a aquele ano. Nesse sentido, mulheres negras, como Maria Luiza da Conceição, Justina Antonia do Nascimento, Rosa Maria da Conceição, Maria Joaquina de Miranda, Maria Eusebia de Anunciação, Joana Henriques de Carvalho, Luiza Ribeiro da Silva e Catharina da Silva Pereira, atuavam na venda de *aguardente pelo miúdo*, como taberneiras e/ou empreendedoras, e foram convocadas pelo *Collector* da 1ª Recebedoria Provincial, em 25 de julho de 1879, para pagar a importância de 36\$000 à boca do cofre, no *prazo de 30 dias* depois da publicação do edital, do imposto estabelecido por lei. Sobre o exemplo apresentado é importante ressaltar que a extensão do comércio na cidade de Cuiabá estava presente em 17 logradouros, e possivelmente tratava-se, naquele momento, de uma atividade rentável. Desse modo, Dutra (2017) assinalou que as ruas Conde D’eu, Commandante Baldoino, 13 de Junho e Do Barão de Melgaço configuravam-se como logradouros que possuíam um considerável número de pretos e pardos exercendo a função de vendedores *d’aguardente*, a miúdo.

O próximo exemplo trata de evidenciar a participação das mulheres negras em irmandades religiosas, na cidade de Cuiabá. A esse respeito, em um evento acontecido no mês de agosto de 1879, publicado no jornal *O Povo*, observa-se que dez mulheres encontravam-se na congregação religiosa da Irmandade da Boa Morte<sup>11</sup>, após a realização de uma eleição. Nesse sentido, assinala-se a possibilidade dessa irmandade ter *sofrido* mudanças e se adequadado à realidade cuiabana em relação a outros lugares do Brasil onde existia outras casas semelhantes. Em Cuiabá, constatou-se a participação de homens e mulheres, porém, como atesta Castro (2005, p. 51), na cidade de Cachoeira/BA a Irmandade da Boa Morte constituía-se como uma “[...] organização privativa de mulheres com vínculos étnicos, religiosos e sociais, também unidas por parentescos consangüíneos ou de fé, deixando fluir a maneira afro-brasileira de crer”.

Nesse sentido, o autor ressaltou também que para integrar a instituição a *senhoridade* era um dos requisitos; assim, a candidata a ser admitida deveria ter acima dos 40/50 anos, pois além da experiência já adquirida já não gozava de tantos desejos carnis que pudessem manchar a sua integridade e bom relacionamento com Nossa Senhora. Sobre esse fato, em Cuiabá todas as mulheres participantes da eleição em agosto de 1879, apresentavam idade entre 39 e 53 anos.

---

11 Ver Castro (2005).

Em relação aos postos que formam a irmandade, Castro (2005) destacou que assim se distinguiam: irmãs-de-bolsa (em fase de observação), irmãs, tesoureira, provedora, procuradora-geral, escritã e juíza perpétua. De acordo com o autor, a eleição se dava sempre no mês de setembro. Em Cuiabá, conforme o periódico consultado, os postos estavam dispostos numa hierarquia, como: provedor/provedora, tesoureiro, secretário, procuradores, *irmãos/irmãs de meza* e zelador.

A esse respeito, em 17 de agosto de 1879, o jornal *O Povo*, em seu número 23, na página 04, apresentou o resultado da eleição para composição da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, para o período de 1879 a 1880. Nesse sentido, as mulheres foram eleitas para assumir as funções de *provedora* e *irmãs de meza*. Castro (2005) ressaltou que as atividades desempenhadas pelas mulheres que integravam a Irmandade da Boa Morte era a organização<sup>12</sup> e realização das festas anuais. Sobre a participação das mulheres negras na referida irmandade, evidencia-se que entre as 13 listadas, cinco delas eram pardas, uma branca e em sete não foi possível encontrar o pertencimento étnico-racial em (PERARO, 2005). Nove delas eram casadas e quatro viúvas.

Somente Eugenia Maria de Souza teve o nome completo presente no anúncio. Para as demais, apareceu somente o primeiro nome, seguido da expressão *mulher de [fulano de tal]*. A parte desses detalhes, essas mulheres eram esposas de negociantes, empregados públicos, taverneiros e integrantes do exército, possivelmente pertencentes a famílias que possuíam certo *status* na Província e/ou em Cuiabá.

Sá e Souza<sup>13</sup> (2005) assinalaram que a data para a comemoração da festa de Nossa Senhora da Boa Morte é o dia 15 de agosto. A esse respeito o texto publicado em *O Povo* tinha como data 14 de agosto de 1879, o que possivelmente ratifica a informação citada pelas autoras. Ademais, pode-se destacar que, provavelmente, essas mulheres, assim como na Irmandade da Boa Morte, estiveram presentes também na Irmandade de São Benedito, que estava sediada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que, segundo Volpato (1993), pertencia aos negros.

Outros dois universos no mundo do trabalho podem ainda ser evidenciados neste texto: o trabalho com aluguel de imóveis e a regência de escolas de

---

12 Ver Castro (2005, p. 55), que assinalou que o peditério, era conhecido como “[...] esmola geral [...]” ou “[...] cera de Nossa Senhora [...]”. Era uma das atividades realizada pela provedora e demais irmãs, dias antes da festa do mês de agosto. Nesse ato, vestiam trajes coloridos ou de típica baiana, saíam pelas ruas da cidade arrecadando donativos, contribuições financeiras e víveres para a festa. De acordo com o autor, dessa atividade era arrecadada apenas uma pequena parcela do que seria consumido na festa.

13 SÁ, N. S. C.; SOUZA, R. C. A. (2005).

primeiras letras. No primeiro caso, Dutra (2017) destacou que a parda D. Anna de Assiz Pereria era proprietária de imóveis na Rua 13 de Junho e deveria pagar um imposto no valor de 21\$600, tendo em vista o aumento de aluguel de seu imóvel. O universo da instrução pública<sup>14</sup> também contou com a atuação de mulheres negras; nesse sentido, a trajetória de Bernardina Rich e de Antonia Gaudie Ley (1885) pode ser conferida na dissertação de mestrado de Nailza da Costa Barbosa Gomes e na tese de doutorado de Paulo Sérgio Dutra. Gomes (2008) apresentou a trajetória de Brenardina Rich a partir da realização de um concurso público para o provimento de uma vaga no cargo de professora primária, em Cuiabá, em 1888. Segundo a autora, a referida professora participava também de agremiações femininas, tal como o Grêmio Julia Lopes, uma associação que agregava mulheres da sociedade cuiabana, tendo até mesmo exercido a presidência. Quanto à Antonia Guadie Ley, Dutra (2017), destacou que pertencia a uma família com certo trânsito e *status* social na sociedade cuiabana e de participação política, integrando o Partido Conservador. Paião (2006a, p. 97) destacou que Antonia Guadie Ley havia atuado na “[...] 2ª escola de meninas da Freguesia da Sé”. Gomes (2008) evidenciou que a referida professora havia também participado da comissão examinadora do concurso, o qual Bernardina Rich foi submetido em 1888.

Sobre a trajetória dessas duas professoras destaca que a participação em eventos que exigisse atribuições intelectuais é fato. Além da regência de sala elas eram vistas como quem poderia contribuir em alguns aspectos na sociedade cuiabana, a primeira participando de uma associação de cunho literário, a qual presidiu, e a segunda com a responsabilidade de analisar o perfil de duas candidatas para o cargo de professora da 3ª escola primária do sexo feminino da capital da província mato-grossense.

Para finalizar, no tocante à presença de mulheres negras trabalhadoras escolarizadas na cidade de Cuiabá, capital da Província de Mato Grosso nos oitocentos, assinala-se ter contribuído neste texto com a materialização dos espaços onde elas vivenciaram suas experiências no labor diário. Nesse sentido, ressalta-se que tanto o Recenseamento de 1890 quanto os periódicos de épocas constituíram-se como fontes imprescindíveis para que pudéssemos pontuar as localidades, como logradouros, casas, escolas, e as respectivas funções exercidas por essas mulheres durante o século XIX na cidade de Cuiabá, capital da Província de Mato Grosso.

---

14 Ver Relatório do Presidente Barão Diamantino de 1875, que informava que a Escola Normal havia sido criada pela Lei Provincial nº 13, de 9 de julho de 1874 (p. 07).

## Considerações Finais

A título da compreensão sobre a presença de mulheres negras trabalhadoras na capital da província mato-grossense no século XIX, considera-se que os esforços empreendidos na pesquisa seguiram na linha de dar uma resposta para aquilo que Matos (1998) classificou como o sumiço da cor nas fontes. Nesse sentido, a autora destacou que o sumiço da cor nas fontes consiste num dos processos mais intrigantes e irritantes ocorridos no século XIX, do ponto de vista do pesquisador. A esse respeito, assinala-se que o suporte para o resgate das informações correspondentes às categorias denominadas *nome, idade, raça, estado civil, religião, nacionalidade e instrução* estão nos recenseamentos. Apesar desses documentos conterem tais informações, nem sempre as pessoas que constavam nos periódicos estavam também presentes neles.

Outra questão são os nomes, que se tornaram *o fio de Ariana*. Assim, Ginzburg (1991, p. 171-172) assinalou que o nome é o “[...] fio de Ariana que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas”. No texto em tela, (PERARO, 2005), cumpriu o papel de contribuir para que a distinção entre um indivíduo e outro fosse realizada, ao apresentar o nome, a idade, a profissão, etc. No referido recenseamento os nomes das mulheres negras que foram objeto deste estudo, bem como outras informações relevantes a seu respeito, puderam ser confrontadas e/ou corroboradas com os dados contidos nos periódicos que apresentavam o cotidiano cuiabano naquela ocasião. Sobre as categorias denominadas *nome, profissão, raça, estado civil e outros*, se constituem como cerne para a composição de informações que constariam nos recenseamentos, destacando-se as duas primeiras edições, o Recenseamento de 1872 e de 1890, que foram imprescindíveis para a realização deste estudo.

Ao tecer pertinências relevantes sobre os recenseamentos como fontes para a construção deste artigo, as informações contidas revelaram que em Cuiabá o universo do trabalho possuía uma inserção acentuada de mulheres negras exercendo funções em diversas profissões na faixa etária dos 21 aos 39. Nesse sentido, destaca-se que isso possivelmente deu-se em razão de passagens de muitas delas por espaços formais e informais de educação em Mato Grosso. Contudo, apontamos a escola mato-grossense como responsável pelo cenário apresentado, e como prova disso ressaltamos que muitas delas passaram pela Escola Normal inaugurada na década de 1870.

Consideramos, por fim, os locais, as profissões, o conteúdo das publicações expressos nas publicações dos periódicos mato-grossenses como a *materialização* da presença das mulheres negras que *sabiam ler* e/ou *frequentavam a escola* no mundo do trabalho na cidade de Cuiabá nos oitocentos. Assinalamos que outras pesquisas

devem ser encaminhadas, pontuando conceitos como gênero, desigualdade racial e/ou social, não contemplados neste estudo. No texto em tela trabalhou-se o universo, os nomes, as funções desempenhadas por essas mulheres, restando, assim, compreender as relações estabelecidas no cotidiano da cidade de Cuiabá que possibilitem compreender os conceitos aqui referenciados.

## Referências

A SITUAÇÃO. Cuiabá, ano V, n. 246, p. 04, 11-08-1872. (Biblioteca Nacional) “A Situação”.

A SITUAÇÃO. Cuiabá, ano V, n. 237, p. 04, 11-07-1872. (Biblioteca Nacional) “A Situação”.

A SITUAÇÃO. Cuiabá, ano V, n. 243, p. 04, 01-08-1872. (Biblioteca Nacional) “A Situação”.

A SITUAÇÃO. Cuiabá, ano 15, n. 778, p. 04, 02-10-1881. (Biblioteca Nacional) “A Situação”.

A Província de Matto Grosso. Cuiabá, ano I, n. 1, p. 04, 09-01-1879. (Biblioteca Nacional) “A Província de Matto Grosso”

A Província de Matto Grosso. Cuiabá, ano I, n. 3, p. 03, 19-01-1879. (Biblioteca Nacional) “A Província de Matto Grosso”

A Província de Matto Grosso. Cuiabá, ano I, n. 7, p. 04, 16-02-1879. (Biblioteca Nacional) “A Província de Matto Grosso”

A Província de Matto Grosso. Cuiabá, ano I, n. 42, p. 03-04, 19-10-1879. (Biblioteca Nacional) “A Província de Matto Grosso”

A Província de Matto-Grosso. Cuiabá, ano IX, n. 449, p. 03, 14-08-1887. (Biblioteca Nacional) “A Província de Matto Grosso”

A Província de Matto Grosso. Cuiabá, ano IX, n. 462, p. 01, 18-11-1887. (Biblioteca Nacional) “A Província de Matto Grosso”

A Província de Matto Grosso. Cuiabá, ano I, n. 35, p.3-4, 31-08-1879. (Biblioteca Nacional) “A Província de Matto Grosso”

**BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, DF: MEC/SEPPPIR, out., 2004.



CASTANHA, André Paulo. **O ato adicional de 1834 e a instrução elementar no Império: descentralização ou centralização?** Tese (Doutorado em Educação)– Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

CASTRO, Aramando Alexandre Costa de. **A Irmandade da Boa Morte: memória, intervenção e turistização da festa em Cachoeira, Bahia.** 182 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo)– Programa de Pós- Graduação em Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, Bahia, 2005.

DAVIS, A. **Policing the Black Men.** New York: Pantheon Books, 2017.

DUTRA, Paulo Sérgio. **Ao correr da penna: pretos e pardos letrados na cidade de Cuiabá/MT nos oitocentos.** 452 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, 2017.

FISCHER, M. **Considerações sobre as diferenças para o uso do termo *African people and Black people* nos Estados Unidos da América.** Arquivo do GEPRAM, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Migração. Universidade Federal de Rondônia/Campus/JP, 2018.

FONSECA, Marcus Vinicius. **Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX.** Tese (Doutorado em Educação)– Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A Micro-história e outros ensaios.** Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1991. p. 169-178. cap. V.

GONDRA, José Gondra; SCHUELER, Alessandra. A. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro.** São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Nailza da Costa Barbosa. **Uma professora negra em Cuiabá na Primeira República: limites e possibilidades.** 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação, Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

MATO GROSSO. Presidência da Província. **Relatório:** 1863. 02 de mai. 1864. Disponível em: <<http://www.crl.edu/pt-br/brazil>>. Acesso em: 24 de fev. 2018.

MATO GROSSO. Presidência da Província. **Relatório:** 1874. Cuiabá, 03 mai. 1874. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>. Acesso em 24 de fev. 2018.

MATTOS, Hebe Maria. **Das Cores do Silêncio**: os significados da liberdade na Sudeste Escravista. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

O Liberal, Cuiabá, ano III, n. 134, p. 3, 09-04- 1874. (Biblioteca Nacional) “O Liberal”

O Povo. Cuiabá, ano I, n. 23, p. 04, 17-08-1879. (Biblioteca Nacional) “O Povo”

PAIÃO, Ilza Dias. A casa-escola no cenário urbano de Cuiabá (1870-1890): limites, tensões e ambigüidades. In: SÁ, N. P.; SIQUEIRA, E. M.; REIS, R. M. **Instantes & Memórias na História da Educação**. (Org.). Brasília, DF: Inep; Cuiabá: EdUFMT, 2006a.

PAIÃO, Ilza Dias. **Professoras de pena, papel e tinta**: trabalho feminino entre representações e práticas de gênero em Mato Grosso (1870-1892). 2006. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006b.

PERARO, Maria Adenir. (Coord.). **Projeto Levantamento de fontes censitárias**: o recenseamento de 1890 em Mato Grosso. Cuiabá, ago. 2002/jul. 2003. Agência Financiadora: PIBIC/CNPq/UFMT, 2005. 1 CD-ROM.

SÁ, N. C. S.; SOUZA, R. C. A. A Festa da Boa Morte em Cachoeira/BA: contextualização e importância para o Turismo Étnico na Bahia. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, Construções Teóricas no Campo do Turismo, 3., 2005, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: 2005. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt10-a-festa.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

SENA, Ernesto Cerveira da. **Entre anarquizadores e pessoas de costumes** – a dinâmica política e o ideário civilizatório em Mato Grosso (1834-1870) Tese (Doutorado em História)– Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Humanidades, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Luzes e Sombras**: modernidade e Educação em Mato Grosso (1870-1889). Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT, 2000.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão**: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888. São Paulo: Editora Marco Zero; Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993.

Recebimento em: 05/03/2018.

Aceite em: 16/04/2018.